



PACTO ALEGRE E OS DESAFIOS DA AGENDA 2030: COMO A QUÁDRUPLA HÉLICE PODE ATUAR PARA O ATINGIMENTO DOS ODS?

Ms^a Gabriella Azeredo Azevedo – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC
Prof. Dr. Silvio Cezar Arend – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

Resumo: Os desafios atuais de uma sociedade globalmente interconectada requerem a articulação, empenho e investimento de recursos de diferentes agentes. Assim, este artigo apresenta uma análise acerca do Pacto Alegre, uma articulação entre agentes da quádrupla hélice, que objetiva impulsionar o desenvolvimento regional através do ecossistema de inovação em Porto Alegre, atraindo talentos e empresas para promover a inovação na cidade. A partir da pesquisa, analisa-se como tal movimento pode somar esforços para o atingimento da Agenda 2030 das Nações Unidas, que trata sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável para que, tal qual seu slogan, “*nenhum ser humano seja deixado para trás*”. Desta forma, por meio de um referencial teórico e entrevista junto a agentes regionais, desenvolve-se uma análise buscando demonstrar a importância de pensar a inovação e o desenvolvimento regional para solucionar desafios e problemas reais da população local.

Palavras-chave: Ecossistemas de inovação. Desenvolvimento Sustentável. Pacto Alegre. Quádrupla Hélice.

Introdução: Ecossistemas regionais e impacto global

O mundo como conhecemos atualmente vem se modificando com muita velocidade nas últimas décadas no que tange à revolução das técnicas/tecnologia e, junto desta, uma revolução também no campo da informação e do dinheiro (SANTOS, 2000). Desta forma, as relações interpessoais, seja no âmbito particular/doméstico como global, também vêm sendo transformadas de diversas formas, sobretudo na última década de maneira veloz no que se



refere à transformação digital e à digitalização de serviços utilizados por parte da população. Há que se pensar, portanto, nas inúmeras oportunidades que advêm desse processo e também nas lacunas e desafios a serem solucionados – tendo em vista, por exemplo, que não se trata de um grupo homogêneo de pessoas que tem acesso aos mesmos benefícios/serviços.

Assim, as dinâmicas que produzem ou aceleram esse processo de inovação na sociedade são constituídas no território, demonstrando a importância de analisar a formação de ecossistemas de inovação e a relevância dos mesmos no engajamento de agentes e setores-chave que estejam dispostos a solucionar problemas e desafios reais da sociedade.

Vale destacar, portanto, que ao mencionar “território” parte-se da compreensão de um lugar sempre em processo/movimento, sofrendo a intervenção constante do homem com o ambiente, bem como sua relação com a política e a economia. Milton Santos (1982) destaca que são as formações sociais que definem o território. Etges (2001) defende a mesma linha de pensamento, acrescentando que um território deve ser visto como um campo de forças, um lugar de contradições e de exercício, entre o uso econômico e social dos recursos.

A noção de território, portanto, pressupõe a organização em determinado espaço a partir das relações, fluxos entre pessoas, instituições e regras para conviver nesta sociedade de maneira geral. Quanto à utilização do conceito de “ecossistema”, vindo da biologia, entende-se a partir da união das palavras “oikos” e “sistema”, um “sistema da casa”, que representa, portanto, o conjunto de comunidades que habitam e interagem em um determinado espaço gerando autonomia e interdependência.

Embora não haja consenso sobre o conceito da expressão, existem duas principais abordagens adotadas por diferentes pesquisadores para analisar os ecossistemas de inovação: i) abordagem de plataforma e ii) abordagem territorial.

A abordagem de plataforma diz respeito à existência de um conjunto de organizações interconectadas em torno de uma empresa focal ou de uma plataforma (Autio & Thomas, 2014). Já a segunda abordagem, territorial, refere-se a uma perspectiva mais ampla, que consiste em um local, uma cidade, um estado, uma região ou um país (Spinosa *et al*, 2015; Cohen *et al*, 2016). Para Feldman e Kogler (2010) a inovação está geograficamente concentrada, existindo diferenças entre os locais em função de suas capacidades e de sua configuração no território, definida por processos históricos, culturais, cumulativos e evolucionários desenvolvidos ao longo do tempo. No presente artigo, a análise será feita a partir da abordagem territorial dos ecossistemas de inovação.



Assim, quando se pensa em ecossistemas de inovação, necessita-se interpretá-lo como a construção de um ambiente saudável, autônomo e próspero que seja capaz de impulsionar a inovação em determinado território, atraindo talentos, empresas e recursos para promovê-lo como ambiente para se viver e desenvolver negócios. Para que isso ocorra é necessária a vontade/interesse e investimento (de tempo e recursos) para estimular o desenvolvimento de aspectos e instrumentos que facilitem a criação de projetos, ideias e soluções. É no território, portanto, que alianças, acordos, projetos e políticas são gerados e podem impactar grande contingente de pessoas e empresas.

Uma metáfora interessante para os ecossistemas de inovação é como a visão de uma floresta tropical, exuberante, imprevisível, diversa, sem controle absoluto e em constante transformação e evolução. Trata-se de ambientes não uniformes, desiguais por definição, altamente colaborativos e flexíveis. Os ecossistemas de inovação são propícios ao desenvolvimento de novas tecnologias, inovações e atração de pessoas com talento, novas ideias e capital. Este círculo virtuoso gera processos de inovação de larga escala e de alto impacto social e econômico (AUDY *et al*, 2022, p. 7).

Para compreender as relações nesses territórios, portanto, é fundamental reconhecer a diversidade e atuação de alguns agentes. Os agentes da Tríplice Hélice, por exemplo, têm diferentes papéis no desenvolvimento de um ecossistema regional de inovação. As universidades têm um impacto significativo no desenvolvimento local (Etzkowitz; Klofsten, 2005), pois são fonte de conhecimento, tecnologia e criação de novos negócios; empresas, através da produção de bens e serviços, são a ferramenta para entregar valor econômico para a sociedade; e o governo pode/deve oferecer suporte para novos desenvolvimentos por meio de políticas públicas e incentivos que favoreçam a proliferação de negócios e soluções inovadoras (PIQUÉ *et al*, 2020).

Recentemente um quarto elemento foi trazido para compor mais uma hélice no ecossistema: a sociedade. Trata-se, portanto, de quádrupla hélice, uma vez que a visão/perspectiva da sociedade é essencial para o desenvolvimento de soluções dos problemas e desafios no mundo contemporâneo. Outros estudos já mencionam uma possível quádrupla hélice, desta vez com foco na sustentabilidade e meio ambiente, isto é, o meio ambiente precisa ser levado em consideração na hora de planejar estratégias e objetivos no ecossistema de inovação (MAROSTICA *et al*, 2022).

Tomando como base esses conceitos acerca da construção de ecossistemas locais/regionais, é válido destacar que há desafios e problemas que são globais e precisam ser enfrentados com disposição e responsabilidade dentro desses ambientes. Por isso, em



2015, as Nações Unidas apresentam os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – uma Agenda construída colaborativamente pelos países em fóruns internacionais – que funcionam como um guia de orientação dos maiores desafios globais que precisam ser combatidos para se viver em um planeta sustentável, com capacidade regenerativa e “sem deixar ninguém para trás” (GT AGENDA 2030, 2023).

Nesta Agenda estão descritos 17 objetivos centrais e 169 metas específicas, de maneira a orientar os países e governos a engajarem-se no atingimento até 2030. Sabidamente, há nações que precisam avançar mais em alguns aspectos/objetivos que outros, porém, considera-se que os 17 objetivos estão interconectados e são transversais para todos os povos e territórios. Isso significa dizer que a ação em uma área afetará os resultados em outras e, principalmente, que o desenvolvimento deve equilibrar a sustentabilidade social, econômica e ambiental (PNUD, 2023).

Assim, para elucidar na prática como tem ocorrido a criação desses ambientes voltados à inovação, foi necessário escolher um caso específico para análise.

Dentre os exemplos de ecossistema de inovação em nível regional de município, destacam-se o @22 em Barcelona, na Espanha, com um projeto de renovação urbana para transformá-la em uma cidade inteligente e inovadora, incorporando de forma explícita a dimensão social nesse processo e o Ruta N em Medellín, na Colômbia, que reverteu uma realidade crítica na área de segurança e tornou-se referência em inovação e criatividade para todo o mundo, especialmente na América Latina.

Neste artigo é trazido um caso recente do contexto brasileiro denominado Pacto Alegre, que foi estabelecido em 2018 em uma iniciativa conjunta entre instituições de ensino e poder público do município de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (AUDY *et al*, 2022).

A pesquisa aqui apresentada, do ponto de vista metodológico, foi construída a partir de revisão de literatura – tendo como conceitos-chave os ecossistemas de inovação, a quádrupla hélice e o desenvolvimento sustentável – e análise exploratória com entrevistas junto a representantes de instituições que fazem parte do Pacto Alegre durante três anos no ecossistema de inovação regional de Porto Alegre, possibilitando analisar sob a ótica do campo do Desenvolvimento Regional como ocorrem essas relações e os resultados obtidos nesse processo.

Diante dos elementos e conceitos apresentados e considerando a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, a partir dos ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável), objetiva-se com esta pesquisa avaliar: *Como se deu a interação entre os agentes para a construção de um ecossistema de inovação regional e como*



na prática tal ecossistema pode (ou não) ser um aliado para somar esforços ao atingimento da Agenda 2030 global?

O Caso de Porto Alegre

Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul e com uma população de 1,48 milhão de habitantes, vem desde a década de 1990 buscando promover ações/projetos que estimulem a criação de um ambiente favorável à inovação e que possibilite, em última instância, o desenvolvimento regional.

Assim, durante esse período, quatro ciclos se destacam: o PAT – Programa Porto Alegre Tecnópolis (primeiro ciclo); o CITE – Comunidade, Inovação, Tecnologia e Empreendedorismo (segundo ciclo); a Inovapoa – Agência de Desenvolvimento e Inovação para Porto Alegre (terceiro ciclo) e o Pacto Alegre (quarto e atual ciclo) (PACTO ALEGRE, 2023). Cada um desses projetos possui suas especificidades e foi importante em determinado contexto para promover ações e desenvolver uma mentalidade que pensasse a cidade para ser um ambiente catalisador de ideias e projetos inovadores.

O PAT, com surgimento na década de 1990, foi um marco para ambientes de inovação no Rio Grande do Sul. Em 1995 a prefeitura articulou junto a nove entidades da tríplice hélice a criação desse projeto, inspirado nas tecnópolis francesas e com convênio com aquele país. Assim, tais esforços culminaram para, no início dos anos 2000 (somado a investimentos e políticas públicas nacionais), nascerem os dois principais parques tecnológicos do estado do Rio Grande do Sul: o Tecnopuc (2003) e o Tecnosinos (2009) – premiados cinco vezes nos últimos anos entre os melhores parques do Brasil pela Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) e pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (AUDY *et al*, 2022).

Na década de 2010 surge um novo movimento semelhante ao PAT, mas desta vez liderado por empresários, o CITE (Comunidade, Inovação, Tecnologia e Empreendedorismo). O grupo foi formado majoritariamente por empreendedores de tecnologia – com uma visão inspirada no exemplo do Vale do Silício, nos Estados Unidos. Eles tinham um propósito comum: modernizar o processo de desenvolvimento de Porto Alegre e reposicionar a capital no cenário internacional de investimentos em inovação (AUDY *et al*, 2022). Já o terceiro ciclo novamente tem na prefeitura de Porto Alegre sua liderança para criar a Inovapoa, uma agência estruturada nos moldes de experiências internacionais de sucesso para atuar no gabinete do prefeito municipal.



Por fim, em 2018, após o conhecimento advindo das iniciativas anteriores e um novo contexto ainda mais complexo, com economias globalizadas, crise financeira e política, além do número de desempregados e desalentados disparando, uma nova aliança é formada para pensar a cidade como um catalisador da inovação e do desenvolvimento regional. Assim, por iniciativa das universidades UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Unisinos e PUCRS foi criada a Aliança para a Inovação. Tal aliança, além de somar esforços na construção de conhecimento – lançando um MBA em conjunto chamado Ecossistemas de Inovação – foi responsável por reunir os agentes da quádrupla hélice e lançar, em 2019, o Pacto Alegre (AUDY *et al*, 2022).

Cabe, desta forma, analisar o contexto da criação dos programas e os diferentes momentos nas últimas três décadas em que se tentou organizar iniciativas no território de Porto Alegre para posicioná-la no mapa da inovação no país e no mundo.

Porto Alegre, além de capital do Rio Grande do Sul, tem um histórico em pesquisas e formação de mão-de-obra profissional, também é considerada o berço do cooperativismo no Brasil. A cidade destaca-se como um grande cluster de tecnologia da saúde, apresentando três escolas de saúde de medicina de destaque no cenário nacional. Além disso, obteve destaque também no desenvolvimento de ações públicas participativas, definindo estratégias de investimento em conjunto com as comunidades locais. A capital também já sediou grandes eventos (acadêmicos ou não) e possui uma rede de universidades públicas e privadas com pesquisas de ponta. Porto Alegre é destaque, inclusive, no segmento de esporte por ter dois grandes clubes campeões mundiais nessa que é uma paixão nacional e mundial: o futebol – apenas outras seis cidades do mundo alcançam este feito, que contribui para o sentimento de pertencimento coletivo em determinado território (AUDY *et al*, 2022).

No que se refere às três universidades protagonistas da Aliança para Inovação que impulsiona a criação do Pacto Alegre, juntas (UFRGS, PUCRS e Unisinos) atendem cerca de 100 mil estudantes de graduação e pós-graduação, concentrando 62,9% de professores pesquisadores do Rio Grande do Sul, responsáveis, por sua vez, por 9% de toda produção científica do país e 600 patentes. Tal protagonismo não diminui a importância da articulação dos demais agentes, mas pode sinalizar uma continuidade diante do histórico de tentativas que mesclaram (e alternaram) em sua governança a liderança do poder público e da iniciativa privada. Sendo a terceira hélice a universidade e, com maior participação popular, constituindo a quarta hélice, vislumbra-se uma possibilidade de manutenção e menor ruptura quanto aos projetos gerenciados pelo Pacto Alegre, já que “as iniciativas anteriores desde a



década de 1990 [...] tiveram seu término sempre vinculado ao final de ciclos de gestão pública” (AUDY *et al*, 2022, p.128).

Assim, em 2019, no dia de aniversário da cidade (26 de março), em que completava 247 anos, ocorre a primeira reunião da “Mesa do Pacto” – agora com 85 membros representantes da sociedade civil, governos, empresas e universidades – para definição dos macrodesafios da cidade. Em 2019 também ocorre a contratação do consultor internacional Josep Piqué, de Barcelona, que trabalhou na construção dos ecossistemas em Barcelona, Medellín e Florianópolis, para ser o responsável/facilitador na construção de *roadmap* e metodologia para elaboração e acompanhamento dos projetos do Pacto Alegre.

Cabe destacar que o apoio financeiro para viabilizar tal iniciativa não advém do poder público nem das universidades diretamente, mas de empresas apoiadoras desse “primeiro ciclo” do Pacto. Foram elas: Agibank, Badesul, Sicredi e RBS (esse último como *media partner*). No segundo ciclo, iniciado em 2023, os parceiros que renovam este compromisso financeiro são: Agibank, Banrisul, Sebrae e Sicredi.

Dessa forma, de acordo com o manifesto do Pacto Alegre:

Somos um movimento que busca transformar Porto Alegre em uma referência como um ecossistema global de inovação de classe mundial, que potencialize nossas competências, alicerçados em valores e propósito, que retenha e atraia talentos. Temos origem na sociedade civil organizada de nossa cidade, envolvendo empresários, acadêmicos, cidadãos e atores públicos inquietos com o futuro. Alicerçamos nossa ação na criatividade, nas novas tecnologias e na inovação, tendo as pessoas como agentes de transformação da sociedade, com alto impacto social e ambiental, e dos negócios, das startups às grandes empresas. Cooperamos e atuamos JUNTOS na construção de um ambiente inspirador que contribua para a criação de um futuro melhor para nossa cidade e para as pessoas que fazem parte dela (PACTO ALEGRE, 2023).

Assim, definido o manifesto, os 6 macrodesafios estipulados em 2019 foram:

1. Ambiente de negócios: gerar um ecossistema inovador de classe mundial;
2. Modernização da administração pública: qualificar e facilitar o acesso aos serviços para a população;
3. Qualidade de vida: melhorar o bem-estar das pessoas em saúde, segurança, cultura e meio ambiente;
4. Transformação urbana: desenvolver ambientes inteligentes e criativos para viver e trabalhar;
5. Imagem da cidade: promover a imagem de uma cidade inovadora;
6. Talentos: gerar, manter e atrair talentos.



Com os macrodesafios traçados, foi necessário priorizar os projetos que seriam executados respectivamente em cada uma das frentes. A partir daí monitorar e avaliar passa a ser uma premissa para poder analisar os avanços, correções necessárias e resultados obtidos nesses quase quatro anos.

Na sequência, portanto, serão trazidas informações e análises coletadas a partir de entrevista com o representante de uma das universidades que liderou a criação do Pacto Alegre para compreender como está o projeto hoje e se há atenção à pauta da Agenda 2030 e o desenvolvimento sustentável no projeto.

Análise a partir da experiência no Pacto Alegre

Os questionamentos apresentados a seguir foram elaborados de modo a permitir conhecer a história do Pacto por quem fez e faz parte dele desde sua concepção, buscando também compreender os desafios e fatores de sucesso e se há atenção e acompanhamento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – isto é, se avaliam/mensuram o impacto dos projetos do Pacto com vista a colaborar para a Agenda global da ONU.

Os seguintes questionamentos foram feitos para guiar a conversa:

1. Como se deu a organização do Pacto Alegre no município de Porto Alegre? Quais eram as principais motivações e desafios no processo, quem foram os agentes envolvidos, etc.
2. Você considera que houve participação também da sociedade civil organizada? Se sim, como e quais entes participaram também do processo representando a sociedade?
3. Após a assinatura do Pacto, que fatores atuais consideram preponderantes para sua manutenção e sucesso?
4. Do ponto de vista dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, consideram que há alguma pauta nesse sentido atualmente para que o ecossistema de inovação esteja atento e engajado em ações para o atingimento da Agenda 2030 global?

Sobre a criação e participação de atores da sociedade civil organizada, o relato foi bastante semelhante com os já apresentados anteriormente. Houve participação de agentes que representavam as quatro hélices: universidade, empresas, governo e sociedade. Questionado sobre a participação da sociedade civil organizada, o entrevistado cita que uma



das maiores participações e lideranças atuais dentro do Pacto é feita pelo coletivo POA Inquieta.

Porto Alegre Inquieta representa um novo modelo de organização social que cria conexões, processa informação com rapidez e é flexível para se adaptar as transformações da sociedade contemporânea em todas as suas perspectivas. [...] Fazer parte da articulação e atividade política social em favor de melhorias locais, facilitar o acesso a espaços de poder, a democratização cultural, aprendizado através da troca de recursos intangíveis, compartilhamento de conhecimento, envolve articulação de atividades de defesa da igualdade social. No caso do @poainquieta com foco na articulação de ações de economia criativa (POA INQUIETA, 2023).

Nessa linha de participação da sociedade civil e nos avanços do Pacto Alegre, o entrevistado conta sobre o projeto “Territórios Inovadores”, que executará no Morro da Cruz investimentos para melhora de infraestrutura no local, garantindo acesso à internet na comunidade. De acordo com reportagens sobre essa ação, o objetivo do projeto Territórios Inovadores é fomentar o desenvolvimento de comunidades carentes da capital e o Morro da Cruz foi escolhido para ser o piloto do programa a partir de análises realizadas pela equipe de coordenação do projeto, que percebeu o interesse da comunidade, através da liderança do coordenador do Hub Formô, Michel Couto. Michel Couto é participante ativo das reuniões do Pacto e buscava alternativas para levar a infraestrutura necessária para conectar empreendedores, líderes comunitários e comércio local (TECNOPUC, 2023).

Além disso, conforme destacado nesta matéria e em depoimento do superintendente do Tecnopuc, Jorge Audy, está em fase de negociação a contratação do antropólogo Santiago Uribe, responsável por liderar uma importante iniciativa de transformação social e econômica na cidade de Medellín, na Colômbia, no início dos anos 2000, o projeto Cidades Resilientes, que tirou Medellín do mapa das cidades mais violentas do mundo. Para tanto, neste mês de junho/2023 Santiago Uribe está visitando Porto Alegre, apresentando sua experiência no projeto Cidades Resilientes e conhecendo o projeto Pacto Alegre.

O propósito de conectar o antropólogo é desenvolver iniciativas em Porto Alegre a partir do projeto que propôs o fim da desigualdade social em Medellín, reduzindo a violência local a partir da implementação de operações voltadas ao desenvolvimento social, educação, cidadania, mobilidade e segurança. Para Jorge Audy, superintendente de inovação e desenvolvimento da PUCRS e do Tecnopuc, “[...] expectativa é que ele passe a experiência e as metodologias de trabalho desenvolvidas junto às comunidades daquela cidade. Temos



a expectativa de uma atuação conjunta com coletivos como o POA Inquieta nestas ações com o Uribe” (TECNOPUC, 2023).

No que se refere aos fatores preponderantes de sucesso para manutenção do Pacto Alegre na cidade, o entrevistado relata que o grande destaque está nas pessoas. Para ele, o projeto, embora constituído por entidades/instituições, depende do trabalho, do reconhecimento do valor que as pessoas vão dar para o projeto. Assim, se conseguir impactar pessoas e talentos tanto em Porto Alegre, quanto fora de Porto Alegre, atraindo para viver e investir na cidade, o projeto irá se manter. A preocupação quanto à governança do projeto, tendo em vista o histórico dos projetos dessa natureza em Porto Alegre, também é fator decisivo. Embora acredite que com a força das três universidades e a sociedade civil engajada já constituam sólida gestão e argumentos de manutenção, tais projetos sempre podem sofrer ajustes e rupturas a depender de estratégia, ideologia ou desafios de um novo governo.

Por fim, quando questionado sobre o acompanhamento dos projetos frente à Agenda 2030, ligando aqueles que colaboram para o atingimento dos ODS, o entrevistado relata que não há atualmente essa análise e acompanhamento sendo feitos. Indiretamente, acredita que há muitos projetos que se relacionam à temática, uma vez que há ações de educação, apoio à saúde, melhorias em infraestrutura que refletem em algumas das metas globais. Entretanto, intencionalmente, não há essa pauta presente nas reuniões e negociações.

Tal questionamento durante a entrevista suscitou ao entrevistado a importância de passar a medir/mensurar como tais projetos estão relacionados à Agenda 2030, uma vez que se entende a importância do Pacto Alegre como instituição e referência dentro do ecossistema de inovação regional.

Considerações finais

Para que projetos de inovação prosperem com o passar do tempo é necessário que diferentes atores façam parte desse acordo no território, conforme mencionado anteriormente: empresas, governos, universidades/centros de pesquisa e sociedade. Durante cerca de três décadas houve diversos movimentos que cultivaram em pessoas e instituições o desejo de realizar projetos como o Pacto Alegre atual. Assim, a ideia do conceito de “quádrupla hélice” vem sendo difundida nesse sentido, identificando o quanto a soma desses esforços podem apresentar resultados perenes e sustentáveis.

Desta forma, é fundamental compreender como se dá a organização e interação entre agentes dessa sociedade para criar ambientes/territórios prósperos e que atendam às



necessidades humanas, sobretudo em um mundo com tecnologias inovadoras surgindo a todo momento e com significativa disrupção no mercado, colocando em xeque hábitos do passado e afetando diretamente a vida em sociedade.

No que tange às dinâmicas e tendências mundiais de transformação digital da economia e da vida, é necessário que os ecossistemas de inovação também estejam preparados para dialogar e compreender as mudanças velozes e necessárias a serem feitas para a manutenção da qualidade de vida da sociedade e do planeta.

A experiência do Pacto Alegre apresenta um aprendizado de três décadas de discussões e articulações entre diversos agentes, uma experiência de governança alternada entre o setor público e o setor privado, numa espécie de pêndulo. Apesar dos discursos, o que se nota é que as iniciativas dos três ciclos anteriores, não se tornaram políticas “de estado”, mas tão somente programas “de governo”, os quais findos, findavam também as iniciativas. Esta experiência de governança atrelada ao governo “de plantão” parece ter sido bem compreendida no atual ciclo, que se articula muito mais a partir das interações e atividades via universidade, empresas e sociedade, com predomínio destas três “hélices” e independência da hélice governo.

Com relação aos ODS, de fato não há preocupação explícita nas discussões e ações do Pacto Alegre como relatado pelo entrevistado. Até há o entendimento de que o projeto contribui para tal, mas de maneira mais geral, não visando especificamente alguma ação direta relacionada a um dos 17 objetivos. Por conta disto, também não há a identificação da situação inicial (sobre a qual se pretende desenvolver uma ação) e medidas de acompanhamento e monitoramento de impacto para poder se afirmar que o projeto contribui para o atingimento dos ODS.

Desta forma, embora o movimento para articulação regional dos agentes seja muito salutar para promover o empreendedorismo inovador e impulsionar o desenvolvimento regional, verificou-se que há uma lacuna em relação à mensuração deste impacto de acordo com a Agenda global. Entretanto, também verificou-se nas entrevistas a oportunidade em passar a tratar este tema nas reuniões junto aos agentes do Pacto, uma vez que já existem projetos que contribuem para o atingimento dos ODS, mas que hoje não são tratados dessa forma.

Por fim, cabe destacar que tais objetivos existem para solucionar desafios reais da população e que tais arranjos no território, como o Pacto Alegre, são referências para conscientizar empresas, governos e sociedades a adotarem um comportamento mais



sustentável, que leve em consideração não somente o crescimento econômico, mas o equilíbrio com o meio ambiente e as pessoas, não deixando ninguém para trás.

REFERÊNCIAS

AUDY, J; PIQUE, J; TEIXEIRA, C. VILLWOCK, L. As Cidades e o Futuro – Modelo de Pacto de Inovação. Porto Alegre. Bookman, 2022.

AUTIO, E.; THOMAS, L. Innovation ecosystems. In: DODGSON, M.; GANN, D.M.; PHILLIPS, N. (ed.). The Oxford handbook of innovation management. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 204-288.

COHEN, B., ALMIRALL, E. & CHESBROUGH, H. The city as a lab: Open innovation meets the collaborative economy. California Management Review, 2016. 59, 5 -13.

ETGES, V. A região no contexto da globalização: o caso do vale do Rio Pardo. In:VOGT, Olgário e SILVEIRA, Rogério. Vale do Rio pardo: (re)conhecendo a região. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

ETZKOWITZ, H., KLOFSTEN, M. The innovating region: toward a theory of knowledge based regional development. R&D Management 35 (3), 243–255, 2005.

FELDMAN, M. P., & KOGLER, D. F. Stylized facts in the geography of innovation. Handbook of the Economics of Innovation, 1. 2010. 381-410.

GT AGENDA 2030. Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030 do Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: < <https://gtagenda2030.org.br/>> Acesso em: mai. 2023.

MAROSTICA, S; CORREA, J; SILVA, C. Tendências da Incorporação da Quádrupla e Quíntupla Hélices em Pesquisas sobre Ecossistemas de Inovação. Anais Do Congresso Internacional De Conhecimento E Inovação – Ciki, 1(1). 2022.

PACTO ALEGRE. O Pacto – Como Chegamos até aqui. Disponível em: <<https://pactoalegre.poa.br/como-chegamos-ate-aqui>>. Acesso em: mai. 2023.

PIQUE J.M., Miralles F., Berbegal-Mirabent J. Application of the Triple Helix Model in the Creation and Evolution of Areas of Innovation. In: Abu-Tair A., Lahrech A., Al Marri K., Abu-Hijleh B. (eds) Proceedings of the II International Triple Helix Summit. Cham: Springer, 2020. P. 223-244.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento: Acompanhando a Agenda 2030. Disponível em: < <https://www.undp.org/pt/brazil/publications/acompanhando-agenda-2030>>. Acesso em: mai. 2023.

POA INQUIETA. Coletivo POA Inquieta. Disponível em: <<https://poainquieta.com.br/coletivo/>> Acesso em: mai. 2023



SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade. Petrópolis: Vozes, 1982.

SPINOSA, L. M., Schlemm, M. M., & Reis, R. S. Brazilian innovation ecosystems in perspective: Some challenges for stakeholders. REBRAE, 8(3). 2015. 386-400.

TECNOPUC. Projeto Territórios Inovadores, do Pacto Alegre, no Morro da Cruz, avança e se prepara para receber cobertura wi-fi. Disponível em: <<https://tecnopuc.pucrs.br/projeto-territorios-inovadores-do-pacto-alegre-no-morro-da-cruz-avanca-e-se-prepara-para-receber-cobertura-wi-fi/>>. Acesso em: mai. 2023.